

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPA-
GANDA, VIAGENS,
NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VII
II SERIE

5 DE NOVEMBRO 1922
N.º 125

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

LISBOA, PORTO DE TRANSITO ENTRE PARIS E CASA BLANCA

Por ser d'uma flagrante oportunidade e o assunto exigir a maior publicidade possível, transcrevemos a seguir o interessante artigo que, subscrito pelo nosso ilustre amigo e redactor principal d'esta Revista, sr. Guerra Maio, foi publicado no logar de honra do Diário de Notícias, de domingo, 29 de Outubro, passado:

«Nos primeiros dias de Novembro deve ser inaugurada a escala por Lisboa, pelos vapores da Companhia Transatlantica, da linha Bordeus-Casa Blanca. Este facto, de consideravel importancia para o nosso País, estabelece-nos uma linha directa de paquetes correios para Marrocos, e faz de Lisboa a via mais curta de Paris para Casa Blanca.

A França tem-se preocupado, nos ultimos anos, em estabelecer uma linha rapida para Marrocos, visto a importancia que a sua zona de protecção tem tomado, seja pelo lado comercial, seja pelo lado turistico. Duas companhias poderosas canalizam para ali verdadeiras ondas de turistas, para o que dispõem d'uma infinidade de hoteis, em todo o territorio Norte Africano, e de um bem combinado serviço de auto-omnibus.

Varias tentativas têm sido feitas para

aproximar, rapida e comodamente, Paris de Casa Blanca, primeiro por Marselha, depois por Port-Vendres e, ultimamente, por Algeciras. Nenhuma d'estas vias tem dado, porém, o resultado desejado; e agora vai tentar-se a «Via Lisboa», o que reduzirá a viagem de Casa Blanca a Paris a 56 horas, ou seja o *récord* Marrocos-Paris. N'este serviço serão empregados magníficos e luxuosos paquetes de 6 mil toneladas, que, com o *Sud-Express*, oferecerão aos passageiros o maximo conforto.

A juntar a isto haverá o preço da viagem, que baterá a concorrência da via Marselha e outras; e, assim, é logico esperar para o nosso porto e para o *Sud* uma grande concorrência.

Mas para que este serviço não redunde n'uma tentativa inutil, é preciso que em Portugal se lhe dê o auxilio e as facilidades necessarias; porque sendo os passageiros, na sua maioria, turistas ricos, deixarão de nos visitar ao primeiro embaraço que se lhes depare. Passaportes, facilidades aduaneiras, maritimas e ferroviarias, são problemas que devem merecer, n'este momento, a maxima atenção das estancias superiores do nosso País, pois d'elas depende o bom exito d'esta bela tentativa.

Em materia de passaportes, o que se pratica actualmente em Portugal está fóra de toda a logica, e é bem contrario ao que se faz nos outros países. A França, a Belgica e a Inglaterra abriram as suas fronteiras aos viajantes de todos os países aliados, menos aos portugueses! E isto pela simples razão de ter-se Portugal recusado a dar reciprocidade áquelas nações. Assim, enquanto os ingleses, os belgas, os franceses, os italianos, os romenos e brasileiros, e até mesmo os neutros, como os hespanhoes e os suissos, entram na França, Inglaterra, Belgica, Suissa, etc., estando apenas munidos d'um passaporte, sem qualquer visto consular, ou mesmo d'uma carta de identidade, os portugueses são obrigados ainda a ir aos consulados, onde os vistos lhes são cobrados em ouro, sem os quaes, como no tempo da guerra, se exporão a todos os vexames e a todas as demoras e prejuizos.

Esta desigualdade coloca-nos, por vezes, em situações bem deprimentes. Cito um caso: um nosso compatriota ia para Bruxelas; na gare do Norte, ao comprar o bilhete, perguntou ao empregado se era necessario visar o passaporte; este respondeu-lhe que o «visto» tinha sido abolido; nem ele lhe disse que era português, nem, certamente, o empregado sabia que nós não gozavamos de tal faculdade, apesar de aliados. Ao passar a fronteira é que foram elas! Os guardas olhavam distraidamente para os passaportes, mas, oh! fatalidade! — eis que um atenta no passaporte lusitano e declara ao portador que não pode seguir. O nosso homem, como bom português que era, declarou que, depois das informações da gare do Norte, não descia da carruagem.

O guarda insiste. Novo protesto do passageiro: «Que não, e que não descia».

O caso correu veloz por todo o comboio. Alguem compara Portugal aos bolchevistas; fala-se na nossa anarquia; aventa-se que a policia lá tinha as suas razões. Mas as senhoras tomaram a defesa do nosso compatriota, e o chefe, para terminar o incidente, deixou seguir o passageiro, não, porém, sem um grande dis-

curso e a ameaça formal de não deixar passar mais nenhum português.

Podem comentar isto como quizerem; mas o que é fora de duvida é que casos d'estes são, para o nosso País, uma grande vergonha, tanto mais que, sendo nós uma Nação aliada, estamos colocados em situação de inferioridade em relação aos países neutros.

Mas se assim somos tratados nas fronteiras dos outros países, os estrangeiros não o são melhor nas nossas, pois não poucas vezes têm sido impedidos de seguir o seu destino, por falta de visto consular. E d'esta maneira, para os passageiros da linha de Marrocos, vai ser um grande embaraço tal formalidade, de que já estão deshabituaados, e que vão achar irritante e descabida.

A França quiz este ano facilitar aos banhistas de Biarritz e de S. João de Luz, a ida a S. Sebastião; e n'esse sentido fez uma proposta ao governo espanhol, oferecendo como reciprocidade o livre transito em Hendaya aos banhistas de S. Sebastião. A resposta do governo espanhol foi abrir completamente as suas fronteiras a todos os viajantes franceses, o que levou o governo francês a fazer igual concessão aos viajantes hespanhoes, fosse qual fosse a sua proveniencia.

Em Portugal alguma coisa se fez n'esse sentido, no que toca á fronteira luso-espanhola; mas para a travessia dos passageiros de, ou para Portugal, na fronteira hispano-francesa ficou na mesma, sendo obrigados os viajantes portugueses, para a transpôr, a irem aos consulados hespanhol e francês.

Depois ha uma exigencia nas nossas fronteiras, que toca as raias da iniquidade: exige-se aos cidadãos portugueses, para entrarem em Portugal, um visto da nossa autoridade consular, coisa que não existe em país algum da Europa. Não sei até mesmo, com que direito constitucional essa exigencia é feita, e de que nós temos o privilegio.

E', pois, tempo de acabar de vez com tal *chinesice*. Abram-se as nossas fronteiras de par em par. Querem conservar

o passaporte, seja. Mas dispense-se o viajante d'esse visto, que só serve para nos colocar atraz das ultimas nações.

Resta-me agora falar sobre as facilita-

des aduaneiras e ferro-viarias. D'elas me occuparei n'um proximo artigo.

Paris, Outubro.

GUERRA MAIO.

AS ESTRADAS DE PORTUGAL

RENASCERA A ETERNA QUESTÃO?

A missão da *Revista de Turismo* é mais ingrata do que á primeira vista pode parecer, e a muita gente se afigura.

Tendo sido especialmente fundada para defender a idéa da industria do turismo em Portugal, no sentido mais de réclame e expansão das suas belezas, do que no de critica á acção dos homens que se occupassem do assunto (pois esta poderia produzir um resultado contrario á sua idéa), tem-se visto, todavia, compelida a desviar-se da linha do seu ideal, para melhor o poder servir.

Assim é que uma parte — senão a totalidade dos artigos de apreciação que nos temos visto obrigados a publicar, ter-se iam, certamente, evitado se a acção dos homens que tem tido sobre si a responsabilidade de orientar os serviços da vilegiatura em o nosso paiz, não se tivesse sempre manifestado d'uma forma platónica, por assim dizer, sem resultados praticos, e se fizesse sentir, materialmente, pelos beneficios produzidos pelos seus esforços, criteriosa e sabiamente orientados.

Uma das questões que mais maleficios tem sentido d'essa falta de comprehensão das coisas e que mais se tem prestado ao jogo dos politicos, é a que respeita ás estradas.

Esse importante assunto do nosso desenvolvimento geral — e não só do progresso do turismo — tendo tido, ainda não ha muito tempo, uma solução que lhe permitia um relativo desafogo, pela autonomia que foi concedida á respectiva instancia dirigente — condição indispensavel para produzir beneficios — parece conde-

nada a talisman de politicos sem escrúpulos e muito menos sem aquella idéa patriótica que se antepõe a toda a especie de interesses pessoas ou partidarios.

Para melhor aclararmos o assunto vamos transcrever, com a devida venia, alguns trechos do brilhante artigo que, sobre o caso, publicou o nosso muito prezado colega a *Epoca*:

Segundo lêmos, está dado para ordem do dia na Camara dos Deputados o famoso projecto da reforma dos serviços d'estradas apresentado pelo senhor Lima Basto.

E' preciso não esquecer que esse senhor, tendo em mira o seu projecto que pretendia fazer vingar de qualquer modo, pensou, até, em decreta-lo, no uso da autorisação parlamentar, o que seria um verdadeiro abuso.

Como tinha proposto a supressão da Administração autonoma, que seria substituida por uma Direcção Geral, negou despacho a todos os assuntos d'estradas, incluindo a distribuição de fundos preparada desde junho, dando assim logar á perda dos meses mais propicios para execução de trabalhos, com grande prejuizo dos interesses locais e geraes.

Sem a sua substituição pelo sr. dr. Vasco Borges, ainda hoje estaria por fazer a distribuição de fundos que podia e devia ter sido publicada antes de julho.

Quatro meses perdidos para trabalhos urgentes!

E agora pretende-se dar seguimento a um projecto que tem por fim reconquistar a influencia do caciquismo sobre os serviços d'estradas por intermedio do ministro.

Por esse espantoso documento, é criada uma Junta Geral de 15 membros (reduzida a 12 pelas comissões) que tem de intervir nos mais insignificantes assuntos, e tantas Juntas distritaes quantos os distritos; enfim, uma engrenagem complicada, morosa no fundamento e sujeita ás abusivas ingerencias da politiquice.

Prevê-se o dispendio de 100.000 contos em

construções a 10,000 contos por ano, e 105,000 em grandes reparações, a 21,000 por ano.

Juntando as despesas de policia e conservação e as de construção das estradas não classificadas, chega-se a uma dotação de 45,000 contos por ano, obtidos em boa parte por empréstimos.

O criterio fundamental d'esse projecto é a supressão da restricta autonomia da Administração n'um espirito de baixo caciquismo.

Em reforço d'esta critica, escreveu o jornal *A Patria* o que a seguir nos permitimos a liberdade de transcrever:

O deputado sr. Lucio de Azevedo aplaude inteiramente o principio basilar da proposta de lei, isto é, a supressão do principio de autonomia administrativa, conseguido com grande esforço no tempo do sr. Velinho Correia, e que no sr. dr. Antonio da Fonseca encontrou o mais decidido apoio e a mais intransigente defeza, pelas facilidades que trouxe para o serviço. Se o sr. Lucio de Azevedo tivesse dado o parecer depois do regresso da sua recente viagem ao estrangeiro, onde observou os progressos realizados na construção e reparação de estradas — os jornais o disseram — e onde, decerto, teve ensejo de observar quais as ideias correntemente aceites sobre organização dos corpos directores dos serviços de estradas, não teria consentido que se inutilizasse o principio de autonomia indispensavel para a boa execução dos serviços.

Efectivamente, a tendencia hoje em toda a parte é para se crear um organismo unico que superintenda em tudo quanto se refira a estradas, visto que os trabalhos de estradas absorvem verbas absolutamente incompatíveis com os recursos de corporações municipais ou congêneres.

O principio de autonomia é indispensavel e muito especialmente em Portugal, onde habitos inveterados de politica de campanario teem comprometido, ha muitos anos, o desenvolvimento da construção e as necessidades de reparação das nossas estradas.

A falta de acção continuada e de orientação técnica definida teem sido os peores inimigos das estradas. Com a criação da Administração Geral das Estradas evitou-se um pouco a intromissão da politica nas distribuições de verbas. Com o desenvolvimento dos serviços da Administração Geral, com a formação dos Conselhos de Administração e Fiscal esse inconveniente desaparecerá por completo.

Arquivamos propositadamente estes dois preciosos testemunhos da nossa afirmação, para que se não diga que o fazemos *gratuitamente*.

Compreende-se que o assunto voltasse

à tela da discussão para se modificarem as insuficiencias que a pratica tenha mostrado existirem na lei inicial da autonomia, — ou para se lhe introduzirem quaesquer alterações no sentido de beneficiarem tanto quanto possivel a sua execução. Agora bulir-se-lhe para a transformar na elasticidade de facilmente satisfazer os interesses politicos e partidarios, isso será um tão grande desaforo, que não poderia nunca passar sem o mais acerbo e vehemente protesto da nossa parte.

Consignando-o desde já, nesta referencia ao assunto, vamos ainda transcrever, para terminar, as judiciosas considerações que *A Patria* põe em natural destaque:

Quem conhece alguma coisa de estradas ou olhe para elas com outra visão que não seja a miragem dos votos, a maior ou menor distancia, é forçado a confessar que muito tem feito a Administração Geral das Estradas com a insuficiencia de recursos financeiros ao seu dispor.

Ha no paiz, aproximadamente 8000 quilometros de estrada em mau estado. Cada kilometro de reparação custa, em média, 18,000 escudos. Avalie-se por aqui o que poderá concertar a Administração Geral com 3,500 contos que presentemente tem ao seu dispor...

O que urge — senhores deputados — é resolver com urgencia o problema financeiro das estradas. Haja dinheiro para reparar as estradas existentes e concluir as que é indispensavel fazer para o desenvolvimento do paiz; haja dinheiro para a Administração das Estradas poder trabalhar e depois se verá se o principio de autonomia é ou não applicavel ao nosso paiz, com resultados eficazes.

Como julgamos vêr nas subtilezas com que o assunto está posto a claro, pensamentos tão *reservados* que não poderão ser, talvez, facilmente confessaveis, não largaremos de sob a vista o seguimento d'esta, a todos os titulos importante questão.

«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	2\$00
Ano	4\$00
Colonias—ano	7\$50
Extrangeiro—ano	10\$00
Numero avulso	\$40 (400 réis)



LUZIADAS

A GAGO COUTINHO
E A SACCADURA CABRAL

*De madrugada, um dia, elles partiram
Da velha praia outr'ora do Restello,
E as duas almas n'uma só se uniram,
Guiadas pela luz do Séte-Estrello . . .*

*Em audacias de sonho, então subiram,
Engrandecendo o espaço ao ascendê-lo!
E a prendê-los ao ignoto que seguiram
A cruz de Christo era um sagrado élo!*

*Figuras santas de lenda! . . . Sobre ellas
Cahiu a franja branca das estrellas,
E a orla do Infinito deslumbrado . . .*

*Tornou-se altar a Terra Portuguesa,
E ante este rasgo estranho de grandeza,
Joelho em terra, descobre-se o Passado!*

CARTAS DE PARIS

*Viena — Uma cidade mundana, cheia de
tristeza — Palacios e jardins abandona-
dos — A miseria d'um grande povo —
Salzburgo — Uma cidade ridente e feliz*

NADA ha, no tempo corrente, mais curioso e contristante do que a miseria austriaca.

Chega-se a Viena, e parece-nos que a bela cidade da cõrte faustosa de Francisco José I, desapareceu. Já as carruagens do caminho de ferro, velhas e sem pintura, nos dão a imagem d'uma perfeita ruina.

Chega-se, porém, á estação, e ante o preço do automovel que nos leva ao hotel, perdemos a noção das coisas.

O marcador conta apenas 2 corõas, mas estas são multiplicadas 10 mil vezes, o que dá a elevadissima soma de 20 mil corõas, que — ao cambio do dia — são apenas quatro francos!

Façamos a descripção do resto. No hotel, o quarto custa 50 mil corõas; o pequeno almoço, 10 mil e o jantar 35 mil. Perde-se completamente a idéa do valôr do dinheiro ao vêr desaparecer tão elevadas cifras. Vae-se ao banco, troca-se uma nota de cem francos, e os maços de papel são tão elevados que não ha paciencia para contál-os. Guardam-se assim mesmo. Devem estar certos.

A circulação fiduciaria tomou, na Austria, taes proporções, que já não vale a pena falsificar notas de 100 corõas, pois custariam mais caras do que o valor nominal impresso.

Uma passagem de carro electrico custa 600 corõas. O condutor nem repara; guarda as notas que lhe dão.

— Para que estar com tal trabalho?

Viena é, porém, uma das cidades mais interessantes da Europa, um Paris mais pequeno, um Monte-Carlo em ponto maior, dizem.

Não é, comtudo, nada d'isso; porque Viena tem o seu caracter e tem, mesmo, a sua grandiosidade, visto a sua população se avaliar em dois milhões e meio de habitantes.

Foi, outr'ora, rica; foi mundana; foi feliz. Hoje, é a mais infeliz de todas as cidades da Europa. S. Petersburgo, Moscow e outras antigas cidades, assistem tambem á sua decadencia; todavia, a Russia é um paiz rico; o seu solo é uberrimo; d'um momento para o outro a situação pode modificar-se e a vida tomar um novo alento.

Mas Viena está irremediavelmente perdida. Ha pouco era capital d'um rico imperio de 50 milhões de habitantes, e hoje é-o d'uma pobre republica, com um territorio de montanhas, sem agricultura e sem minerio.

A Hungria levou-lhe as terras de semeadura; a Boemia tirou-lhe as fabricas e as minas. Por isso a primeira pode aguentar-se na derrocada, com os seus proprios meios; e a segunda vae buscar ás suas minas, quasi toda a materia prima que precisa para a sua industria consideravel.

Viena, forma, porém, com Paris e Berlim, o triangulo dos centros do grande turismo europeu. Os seus grandiosos edificios, os seus dois monumentaes teatros: a Opera e a Hafburgtheatre, rivalisam com os melhores da Europa—um pela sua grandiosidade; e o outro com a sua arquitectura e decorações.

O Palacio Municipal, a Cathedral, o palacio dos imperadores, são qualquer coisa de notavel e de grandioso. Se olharmos, porém, para as ruas de Viena, veremos

que a bela capital da Austria tem as mais lindas avenidas de que uma grande cidade se pode orgulhar.

Mas tudo isto, que d'antes foi belo e que era o orgulho da cõrte de Viena, está hoje envolto na mesma tristeza que ensombra toda a Austria. Os porteiros dos teatros e dos palacios, que antigamente ostentavam ricas fardas, parecem hoje verdadeiros mendigos, e não se percebe bem se, ao entrarmos, nos pedem o bilhete ou a esmola.

Nos cafés e nos restaurantes, ha o mesmo ar de miseria; o vendedor de jornaes, que nos vem oferecer as suas publicações, ao passar por uma mesa, d'onde alguém se levantou, deita a mão a um bocado de pão esquecido.

Os jardins publicos, agora abandonados ás hervas altas, mais parecem prados de pastagem do que os lindos recantos onde iam meditar amorosos, e onde as crianças vienenses iam expandir a sua alegria.

Hoje a clientela, feita de vadios e de desocupados, completa bem o quadro desolador que tudo aquilo nos oferece.

Eu tinha ido a Viena com intenção de ali passar uma semana; mas no fim do quinto dia, e visto tudo o que ali havia de notavel para se visitar, resolvi partir, pois sentia-me contaminado por aquela desolação. Alguem me aconselhou para me deter em Salzburgo, cidade de verão, no extremo sul da Austria, mesmo a tocar a Baviera.

Assim foi, após sete horas de viagem deliciosa, atravez do Tirol, onde as montanhas se não dão trigo, oferecem no entanto ao viajante excelentes pontos de vista.

Apenas o espaço de uma tarde me restava para ver essa cidade, o que, aliaz, era pouquissimo, porque ela é de um pitoresco surpreendente. Poucas cidades de verão terão mais verdura e mais amenidade.

Ficaria ali bem uma semana, bem dois meses, tal a paz que se respirava, em absoluto contraste com Viena. Mas o comboio, n'essa mesma noite, levou-me para Munich, deixando-me a alma em Salzburgo e nas suas colinas verdes, e não sei mais em quê!...

GUERRA MAIO.

BELEZAS DE PORTUGAL

NA BEIRA BAIXA

IMPRESSÕES E APRECIÇÕES

PROSEGUINDO na descripção encetada em o passado numero d'esta Revista, vou transmitir aos meus leitores a interpretação, tanto quanto possivel real, das impressões que recolhi durante a minha fugaz permanencia na alegre região beirôa.

Já me referi a Gouveia, que foi — por assim dizer — o eixo das excursões a que, com agrado, me conduziram. E, embora não tivesse tido ocasião de visitar, na serra da Estrela, o que essa bela serra tem propriamente de mais interessante — para o que seria necessario o alpinismo

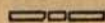
que (seja dito em abono da verdade) estava fóra do programa — não deixei, todavia, de saborear os encantos oferecidos pelos seus arredores e por esses logares de atrahente ideal que assentam sobre as suas faldas.

Embora, n'esta Revista — e, ainda, n'um recente artigo d'um nosso muito estimado colaborador — tenha sido já bem posta em relevo a diferença, sensível e interessante, que cada uma das nossas provincias apresenta, não posso deixar de frizar a surpresa que tive ao constatar esse original

e proprio aspecto da provincia da Beira Baixa, especialmente na parte que agora me foi dado observar. Assim notei que as pequenas povoações, constituídas — em geral — por um numero limitadissimo de fogos, se confundem a distancia com as escarpas da serra, devido, principalmente, a que na construção das suas casas, onde todavia se nota a passagem de muitos anos, se empregou a pedra da região, que na sua generalidade é escura; não havendo qualquer rebôco ou ligação que lhes dê o aspecto de alegria tão necessario á impressão do viajante. Se não fosse o tom de vida que anima a quadratura d'essa provincia, onde as paisagens, infantilmente risonhas e sedutoras, se mostram com inequalavel relevo devido á intensidade de luz que sobre elas se pulverisa, contemplar-se-hia, apenas, um quadro monotono, de aspectos serranos, sem aqueles pontos alegres de vida que são marcados pela alvura das casitas provincianas — como acontece nas outras provincias portuguezas. Até mesmo as torres das egrejas, aparecendo-nos sempre como atrahentes marcos miliarios, quer por entre a folhagem d'uma flora exuberante, quer no isolamento solitario d'um descampado, não teem, na Beira Baixa, aquele ar mixto de respeitoso contentamento e de bucolica poesia que, em geral, inspiram as que se divisam por toda a vasta campina do Portugal Belo!

E são estas multiplas e pequenas coisas que completam o conjunto d'aquella diferença, constituída pela diversa intimidade da vida, por uma outra indumentaria, pela originalidade da configuração do terreno, pela côr viva ou suave da flora e ainda pelos naturaes habitos da fauna.

Mas isso tudo é apreciavel, e traduz a soberana recomendação com que cada uma das provincias lusitanas se impõe ao atento exame do viajante, ao seu consciencioso goso espirital pelas excelsas belezas, salientes a cada passo, em cada canto!



Um dos mais interessantes passeios

que os meus illustres hospedeiros me proporcionaram, foi a Loriga.

Seguindo-se pela estrada de Coimbra, vae-se de longada por essas outras estradas da Beira, disfrutando-se as povoações que ficam perto ou distantes, entre as quaes sobresaie, com a alegria d'um primavera condado, a vila de Ceia, na importantissima região fabril que se expande sobre o alto da Beira Baixa. Passam-se vilas e aldeias, n'um deslizar rapido do auto, até que d'um ponto dominando um amplo horisonte, se descortina, lá muito além, erguida no cume d'uma montanha, uma capelinha, muito simples mas muito branca, onde se venera a imagem da Senhora da Piedade.

Que soberbo panorama então se disfruta!

Segue-se o caminho e a estrada conduz-nos atravez de S. Romão, até Valezim e d'ahí, por uma arriscada *silhouette*, atravessa-se a Portela, passando-se a um novo aspecto d'uma das montanhas que compõem a serra da Estrela. Deixamos a natureza viçosa como n'um alegre arraial de vida, e transpuzemos o bastidor dos dois scenarios. Para o outro lado da montanha surprehendeu-nos a negrura do vale ingreme, onde essa montanha, coberta apenas com um escuro manto de pasto, se derrama n'uma aspereza de viuva tresloucada. Mas, lá em baixo, muito ao fim d'esse vale, descobre-se uma aldeia, com o seu casario um pouco mais claro, como que a significar que a profundeza não é tão inacessivel que não haja ali vida e vida intensa — porque em todas as povoações da Beira Baixa se trabalha intensamente.

Vae-se coleando a montanha por uma estrada cheia de tantos aspectos atrahentes e emocionantes que a sua visão nos emudece — porque a impressão que nos causam embarga qualquer manifestação que não seja de alegria ou de assombro.

Percorridos uns quilometros mais, descortina-se, n'uma situação de sympathica admiração, essa vilasinha chamada Loriga, colocada como por mão de artista entre as quebradas da montanha, n'um vale de

delicioso aspecto. Parece, pela disposição d'essa vila, que havia uma certa rivalidade entre os seus habitantes primitivos, por a fazerem quebrada por um pequeno outeiro que a seu meio se levanta; mas, com o andar dos tempos, as pazes (se é que alguma vez elas ali não existiram) fizeram-se certamente com a maior cordealidade, ligando-se uma a outra parte por construções sobre esse outeiro. Assim, vista de longe, a vila de Loriga é uma fantasia concebida por um espirito delicado!

Interiormente sucede a esta vila a mesma coisa que se dá quasi com todas as outras povoações: não tem beleza alguma, tornando-se apenas interessante pela curiosidade que despertam ao espirito observador.

De Loriga volta-se para Gouveia pelo mesmo caminho; porém, o scenario é diferente, visto em sentido inverso ao da

ida para aquela vila. E difficil será dizer qual dos aspectos é mais encantador!

Não posso terminar a descripção d'este belo passeio sem fazer uma especial referencia a um ponto da estrada, entre Valezim e Loriga, que é já bastante conhecido pela sua excelsa beleza: é a ponte de Jugaes, que atravessa um dos mais poeticos sitios dos encantados vales onde corre o Mondego. Uma intelligencia mesmo culta não encontra facilmente termos que traduzam todo o encantamento d'esse privilegiado logar onde a Natureza tem reservada a surpresa d'um dos seus mais seductores atractivos!

Se pudessemos fazer-nos ouvir claramente pelo Creador, não nos cansariamos de dizer: Senhor, Meu Deus, quanto Vos agradeço por me haverdes proporcionado a felicidade de poder gozar este prodigioso trabalho da Vossa Divina Graça, que outro não haverá tão belo!

JOSÉ LISBOA.

As maravilhas da Natureza

A Região das Montanhas Rochosas na America do Norte

ÉIS como os norte-americanos descrevem, nos seus livros de divulgação, as surprehendentes belezas naturaes do seu paiz, com o entusiasmo proprio a despertar o sagrado amor da patria e a atrahir a innumera aluvião de estrangeiros que, ano a ano, mez a mez, dia a dia, a vão enriquecendo, enaltecendo, honrando, assimilando os seus costumes, evangelizando-se, catechizando-se, instruindo-se, tomando para exemplo uma nação onde se movimentam povos de diversissimas raças, crenças e aspirações. Dêmos d'esta vez a palavra a Frank G. Carpenter na sua obra «Geographical Reader» e no volume que especialmente trata da America do Norte.

«As Montanhas rochosas formam o que se denomina muitas vezes a cobertura do continente americano. Viajando de Mil-

waukee na direcção de Oeste, passamos atravez de algumas das nossas mais ricas regiões cerealíferas para o rio Mississippi; e, então, a nossa jornada continua por outras ricas planicies, na extensão de umas mil milhas. Caminhamos constantemente até que chegamos ás Montanhas Rochosas junto de Denver.

«Apezar de ficar no sopé das montanhas, Denver é situada a cêrca de mil pés abaixo do pico do monte Washington. O Pikes Peak, que avistamos quando nos aproximamos do terminus da nossa excursão em caminho de ferro, é quasi duas milhas mais alto do que Denver, e aproximadamente colocado tres milhas acima do nivel de Washington, New-York ou de Nova Orleans.

«O Pikes Peak é uma das mais altas

Montanhas Rochosas. O seu nome é devido ao major Zebulon Pike, que ha mais de noventa anos tentou subir ao seu cimo, sendo obrigado a desistir da empreza, notando tristemente que apenas um passaro poderia atingir aquelas alturas cobertas de neve.

«Mas nós chegaremos lá, á nossa vontade, em carros, porque foi construido um caminho de ferro pela encosta d'esta imponente montanha. A via é muito semelhante á que encontramos ao subirmos o monte Washington. A pequena maquina a vapor vae-nos impelindo para cima, a mais e mais, até que, por fim, saímos do carro a uma altura de cerca de tres milhas sobre o nivel do mar.

«Em volta da extremidade ha acumulações de neve, tal como muitas vezes existem n'este logar durante o verão. Fazemos bolas de neve e sustentamos um combate enquanto ahi estamos.

«Do alto de Pikes Peak avistamos um maravilhoso panorama de montes e vales. Grandes planicies se alongam para os lados de nascente onde se destacam vilas e cidades — pelo meio das quaes passamos — como simples manchas na vastidão da paisagem. Aos nossos pés o Jardim dos Deuses; um vale todo de formações rochosas mas tão profundo que parece um verdadeiro leito de flores. Para as bandas de Oeste elevam-se constantemente montes apoz montes, montanhas apoz montanhas, semelhando pilhas de rochas de gigantescas dimensões, passando por todas as variedades de formas.

«D'aqui vemos as nuvens flutuando em volta e por debaixo de nós. Então elas arrebatam-se para as altas regiões da atmosfera e por momentos somos envolvidos em nevoa. Pouco depois resoa uma trovoadá lá em baixo, a um dos lados das montanhas.

«Esta região das Montanhas Rochosas é a terra maravilhosa da America. Não ha outro logar no mundo onde possamos admirar coisas tão surprehendentes. Tem cataratas mais altas do que as do Niagara, desertos quasi tão áridos e melancolicos como o do Sahará, grandes florestas que

se transformaram em pedra, e outras florestas cujas arvores são tão grandes que dentro do seu tronco poderia ser cavada uma espaçosa sala de escola, deixando ainda logar por economia.

«No Alaska, no limite norte d'esta grande região montanhosa, ha geleiras superiores em magnificencia ás dos Alpes; e na parte do sul ficam os formidaveis vulcões do Mexico, vomitando incessantemente lava, enxofre e pedras incandescentes.

«N'um raio de quinhentas milhas do Pike Peak admiram-se as nossas três maiores maravilhas naturaes. Ao Noroeste, as nascentes de agua fervente e os «geysers» do Yellowstone Park; aproximadamente na direcção de Oeste e quasi á mesma distancia está o Mar Morto da America ou seja o grande Salt Lake de Utah; e um pouco mais ao sul fica o Grande Cañion do Colorado que na sua imponente e magestosa beleza não possui rival em toda a superficie da Terra.

«O rio Colorado nasce entre as nuvens, proximo dos cumes branqueados de neve das montanhas. Abre o seu caminho, descendo das elevadas planicies, cortando uma passagem ou garganta que em certo logar tem profundidade superior a uma milha e, finalmente, desagua no Oceano pelo golfo da California. No seu percurso veem-se numerosas quedas, muito rapidas e por vezes apresenta-se como uma furiosa torrente. Descrever o scenario que nos surge é-nos impossivel. Altas muralhas de rocha que formam as margens são esplendidas nas suas estonteantes côres vermelhas, acastanhadas, amarelas e cinzentas; e essas encantadoras formas de pedra desenrolam á nossa vista aspectos taes, que se imaginassemos navegar na sua corrente espumante e caudalosa, parecer-nos-hia estar defrontando poderosas cidades, embatendo de encontro a enormes fortes e acima de soberbas e imensas catedraes. De tempos a tempos as nuvens enovelam-se nos rebordos superiores do apertado vale, e n'esses momentos conserva-se na escuridão. As nuvens rompem-se e de novo o ceu azul se mostra na sua limpidez.

«A região ao longo do rio Colorado é

na sua quasi totalidade pedregosa e deserta, dotada de pouca vegetação, excluindo as moitas de salva e os catus. E esta característica é comum a bastantes dos nossos planaltos. Encontram-se rochas de todas as qualidades empilhadas conjuntamente em penhascos de alguns pés de altura ou cortados a pique em desfiladeiros de milhares de pés de profundidade. Ha montes de rocha, montanhas de rocha, vales que são também desertos rochosos e planícies de rocha sobre as quaes podemos vaguear dias sem encontrarmos agua.

«Tudo isto é extremamente maravilhoso; mas se, passado pouco tempo, visitarmos o Yellowstone Park, encontraremos alguma coisa mais maravilhoso ainda.

«Podemos ver inumeras coisas estranhas á superficie da terra; e se descermos ao seu interior, poderemos visitar minas de ouro taes como serão encontradas em logares correspondentes. Certamente haveréis lido nas Noites Arabes (Mil e uma noites) alguma coisa relativamente á gruta de Aladim que estava cheia de ouro, prata e pedras preciosas. Essa gruta existiu sómente na imaginação do homem que escreveu a historia. As cavernas de tesouros que estamos para visitar devem realmente assim considerar-se, porque d'ahi tem sido extrahido ouro e prata no valor de milhões de dolars e os mesmos rendem actualmente outros milhões também».

Ahi está uma narrativa simples para creanças porque se supõe a viagem através dos estados da união feita simplesmente por elas. Mas a simplicidade e a elevada maneira pela qual as ideias se expõem, não excluem a possibilidade de se interpretarem de um modo profundo e de largo alcance. Foi sempre e será sempre assim a educação norte-americana.

Depois das descobertas das veias de ouro por James Marshal, estas regiões pedregosas principiaram a povoar-se de mineiros. Deu-se isso em 1848. No decurso de quatro anos foi retirado ouro e prata no valor de duzentos milhões de dolars, das correntes da Serra Nevada. Assim se fundaram as florescentissimas cidades de Denver e de

S. Francisco da California; e, sabendo da boa nova, homens de todas as partes do mundo acorreram a esta região.

Entretanto encontravam-se outras localidades onde o ouro abundava para o lado do oriente.

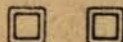
Excavando as rochas encontrou-se muito mais ouro, despertaram-se mais ambições, apareceram mais empreendimentos e aventuras, agora dominadas pelo maximo respeito e ordem em virtude das regras de Washington.

Já tivemos ocasião de expôr a orientação e as bases fundamentaes para o desenvolvimento da riqueza nacional. Outros colaboradores d'esta Revista corroboraram plenamente as nossas ideias.

Resta-nos continuar incessantemente nesta propaganda até conseguirmos definitivamente o nosso *desideratum*: avançarmos como as nações modelos, sem excessivo luxo, sem extravagancia, sem espalhato, sem propagandas dissolventes a partir dos nossos auctores classicos que desgraçadamente trataram de ridicularisar, de rebaixar, de deprimir, dando o exemplo da *desordem* ao nosso povo ignorante, privando-nos da entrada do ouro mediante transacções honrosas que influissem principalmente nos vinhos, nas cortiças e em todos os artigos de origem e de produção estritamente nacionaes. Os escritores de propaganda dissolvente a que aludimos, distinguem-se infelizmente entre os melhores poetas e prosadores classicos, romanticos, realistas, naturalistas e contemporaneos.

Depois d'isso veio o requinte da elegancia e do luxo que geraram, no dizer de um distinto colaborador d'esta Revista, «os illustres desconhecidos» que viajam por todo o paiz — *por verem viajar os outros* — e que sujam os logares de que se servem ou enojam as pessoas com as quaes se encontram. Mas para tudo isto existe o remedio da religião e da escola.

BRANDÃO PEREIRA.



VILA NOVA DE FAMALICÃO

RESUMO HISTORICO E DESCRIPTIVO

ACHA-SE esta formosa vila situada n'uma baixa, em ampla, fértil e aprazível planície; formando-lhe como que grinalda campinas lindíssimas, onde viceja, hilariante e forte, a esplendorosa flora minhota, tão cheia de encantos naturais e de deslumbramentos extasiantes. Cortada a meio pela estrada nacional do Porto a Braga, fica a 6 quilómetros do rio *Ave*, a 15 do *Cavado* e a 17 da capital do distrito, que é Braga. O aspecto da vila deixa perceber, logo ao primeiro golpe de vista, que ela ocupa lugar primacial entre as ridentes povoações d'esse encantador Minho, mercê da sua vantajosa situação geográfica, do seu trabalho intenso e das suas numerosas vias de comunicação.

Segundo a tradição, geralmente aceita como certa, o terreno em que assenta a vila estava completamente deshabitado quando D. Sancho I, seduzido pela beleza do lugar e pela sua vantajosa situação entre as cidades do Porto e de Braga, e ainda pela circunstancia de passar por ali uma importante via militar dos romanos, deliberou povoá-la, dando-lhe foral, com muitos privilégios, a 1 de Julho de 1205. Parece comtudo, que as boas intenções e desejos do monarca não foram coroados de tão rápido éxito quanto ele pensára, por isso que o povoamento da vila se fez com toda a morosidade; até que no reinado de D. Diniz ou no de seu filho D. Afonso IV, havendo ainda muito poucos moradores, foi ali estabelecer-se, com uma pequena locanda, um homem de apelido Fameleão, que veio a casar mais tarde com uma serviçal dos condes de Barcelos, de apelido Mota, da qual veio a tomar o nome a primeira praça da vila, ainda hoje conhecida pela designação de praça da Motta. Junto da locanda se foram construindo algumas casas, até que se formou uma aldeia, que tomando o nome do tendeiro em referencia, se deno-

minou Aldeia de Famelício. Creada vila, depois, com o nome de Vila Nova de Famalicão, carecendo ainda de importancia, assim continuou por muito tempo, pois é certo que nos começos do século XVIII apenas contava 100 fogos. Ainda em 1835 era pouco mais do que a aldeia primitiva, pouco movimentada. Tinha então o largo da Cruz Velha, o largo da Lapa e o campo da Feira, mais circumscripto do que hoje; algumas barracas de madeira, sem alinhamento regular, cobertas de côlmo, das quaes se utilizavam os feirantes. Em volta, meia duzia de habitações, o bêco das Laranjeiras, o Terreiro, a rua da Igreja e apenas um bocado da actual rua de Santo Antonio. Quando se construiu a estrada do Porto a Braga, atravessando a povoação, como já se disse, foi essa a sua primeira rua regular, que logo denominaram rua Formosa, e que a breve trecho começou a ladear-se de bonitos predios.

De então data o seu desenvolvimento, do qual lhe resultou ser oficialmente reconhecida como Vila, por decreto de 10 de Julho de 1841, embora já como vila fôsse chamada desde muito, sem haver tido consagração legal. Elevada tambem a séde de concelho e de comarca, o seu desenvolvimento devia necessariamente acentuar-se; e de como assim succedeu dá evidente testemunho a prosperidade que hoje apresenta, para a qual tambem correu muito a construção da linha ferrea do Minho, que ali tem uma das suas estações de maior movimento, como tambem a linha ferrea da Povaia ali tem a sua estação *terminus*. Ambas essas estações ficam a 1.500 metros do centro da vila.

Ao nascente, corre o ribeiro de S. Tiago d'Antas, e ao poente o ribeiro de Vinhal, que ambos fazem junção no lugar de Vargos, indo depois precipitar-se no *Ave*, no ponto conhecido pela designação de Bo-

queira de Louzado, depois de um percurso de 7 quilometros.



Longe da sua insignificancia de outros tempos, Famalicão é hoje cortada por magnificas ruas e aformoseada por muitos e alguns bem elegantes edificios publicos e particulares, o que tudo a torna verdadeiramente atrahente e digna de demorada visita do turista. Tem feira geral ás quartas-feiras, no amplo campo Mousinho de Albuquerque, a qual costuma ser muito concorrida e interessante. Em Maio (a 8 e 9) e em Setembro (a 29 e 30) tem tambem feiras importantissimas, sobretudo em cereaes e gado cavalor e bovino.

No *palacio do barão da Trovisqueira*, na rua Formosa, que é um dos edificios mais importantes da vila, hospedaram-se, por vezes, alguns dos nossos monarchas: D. Pedro V em Agosto de 1861, e D. Luiz I em Novembro de 1863.

O edificio dos *Paços do Concelho*, começado a construir em Outubro de 1877, ficou construido em 1881, e é digno de ser apreciado.

O *hospital da Misericordia*, ou hospital de S. João de Deus, acha-se instalado n'um belo predio do largo da Lapa, tendo sido fundado em 1869 sob a direcção do Dr. João Rebelo Cardoso de Menezes.

A *egreja matriz* acha-se situada na praça da Mota, onde em tempos idos estivera a capela de Santa Maria Magdalenha, a qual tambem fôra séde da paróquia.

A *egreja da Lapa*, contigua ao hospital da Misericordia, é um templo vasto e muito aceado.

A *capela de Santo Antonio*, muito interessante, está situada no campo da Feira, assim chamado ainda por ser ali que se efectua a importante feira semanal e as duas anuaes, a que já aludimos.

A *capela de S. Vicente*, está no lugar chamado da Bandeirinha, onde todos os anos se realiza uma interessante festa.

A vila possui um corpo de *bombeiros voluntarios*, instalado em edificio proprio e provido de magnifico material; um *Club de Caçadores*, com a sua carreira de tiro; fabricas diversas de tecidos; uma *tin-*

turaria a vapor, *Creche de S. Vicente de Paula*, para recolha diaria de creanças de ambos os sexos; *tribunaes do civil, criminal e comercial*; *Escola Model Agricola*, e grande numero de estabelecimentos commerciaes magnificamente sortidos.

Merece especial menção a *Fabrica a vapor de relójos de meza e de parede*, sistema americano, fundada em 1895 e premiada em diversas exposições. Está provida de maquinismo estrangeiro e nacional, sendo este ultimo de invenção do proprietario da interessante fabrica. Anexas tem secções de carpintaria, serração de madeiras, marcenaria e ainda de moagem de cereaes. E' digna de ser visitada, por ser a unica existente no paiz.

Tem a vila estradas em comunicação directa com o Porto, Braga, Santo Tirso, Guimarães, Póvoa de Varzim, Barcelos, Vila do Conde, Viana do Castelo, etc., todas muito interessantes e pitorescas, para serem percorridas em trem ou em automovel.

Ha em Famalicão os trez hoteis seguintes: *Hotel Central*, propriedade de Adolfo Marques Dias.

Hotel Carolina, hoje propriedade de Manuel Varela dos Santos.

Hotel Vilanovense, do qual é proprietario Domingos José Dias.



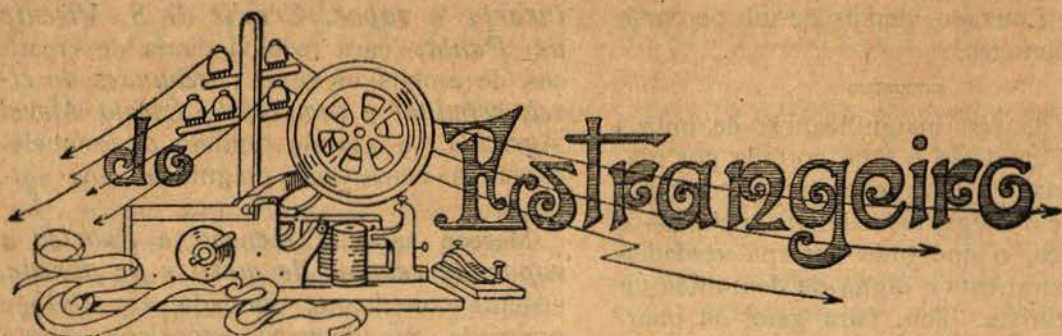
ERRATAS

TODA a vida tem seus espinhos; e os que, em geral, atormentam a dos jornalistas, são, talvez, os mais agudos...

Entre eles ha os que os nossos colaboradores — tipografos e revisores — semeiam constantemente na estrada por onde passamos, para que os sintamos a todo o instante.

Isto vem a proposito de sair quasi sempre errado o nome do nosso não menos apreciado colaborador sr. dr. Brandão Pereira, que tão autorisada como brilhantemente tem subscrito os interessantes artigos insertos n'esta Revista sobre a vida americana.

Pedindo nos desculpe d'esta falta cuja responsabilidade nos pertence moralmente, prometemos ao nosso illustre amigo evitar, tanto quanto em nossas forças caiba, a repetição d'esse abuso de confiança tipografica.



O «CAMPING»

O «camping» é um sport mixto de exercicio e de utilidade pratica, que está creando foros de civilização, embora recentemente tenha sido posto em pratica como um dos mais interessantes meios de recreio.

Não sabemos, ao certo, a origem da utilização pratica das casas-moveis (assim poderemos chamar ao que os franceses classificam de «roulotte»); mas quere-nos parecer que essa idéa é copiada das instalações dos conhecidos saltimbancos, que durante a epoca das feiras corriam os lugares onde elas se realisavam, fazendo-se transportar em grandes carros sobre pequenas rodas, puxados por um ou dois animaes. Chegados ao sitio das feiras, desatrelavam os animaes, que punham a pastar no propicio campo mais proximo, transformando esse carro em casa de habitação nocturna; pois, de dia, a vida era feita ao ar livre, com a exhibição dos jogos e exercicios acrobaticos, d'onde lhes vinha, por meio de quête, os proventos para a sua sustentação.

A cosinha era feita ao ar livre, junto do carro-barraca e ahí comiam, servindo-se apenas d'aquela instalação para pernoitar e para n'ela guardarem a sua bagagem.

Ora, os meios para o exercicio do «camping» são quasi eguaes.

Com o progresso da locomoção mecanica já se chegou á perfeição de se obter o reboque d'uma «roulotte» por um automovel; substituindo-se, assim, com vantagem, a tracção animal. D'este modo é tambem facilitada a pratica d'uma das mais deliciosas distrações estivaes.

Antes de entrarmos na apreciação descriptiva do assunto, permitimo-nos fazer umas considerações que nos parecem interessantes.

E' bom primeiramente notar que o «camping» não pode ser praticado por toda a gente. E' necessario, para se poder goza-lo com todas as delicias do imprevisto que ele oferece e das situações emocionantes que ele proporciona, ser-se, além de artista em genio, destemido e pratico, rapido e voluntario, se bem que em dose correspondente á visão das coisas, para se não ultrapassar o limite em que o bom senso e a prudencia mandam resguardar os corpos das aventuras perigosas.

Não se deve ser filosofo, como tambem a excessiva ardencia de temperamento prejudica os efeitos d'esse exercicio, que deve fazer-se sob a idéa d'um verdadeiro recreio espiritual, comodido e relativo.

Como tal, não ha melhor meio para quem se apaixone pelos encantos da Natureza, para quem, nos mil e uns aspectos que ela oferece, encontre a maior satisfação.

Em Portugal — que nos conste — houve uma familia que já praticou um pouco d'esse original meio de viver fóra dos usos comuns — foi a do illustre causidico, grande orador e brilhante escritor — o dr. Cunha e Costa.

No estrangeiro, sobretudo em França, o entusiasmo por esse novo genero de desporto é tal, que se tem feito reuniões especialmente dedicadas á forma do seu aperfeiçoamento e de o tornar tão atrahente quanto os seus resultados são beneficos para o organismo humano.

Na verdadeira acepção da palavra, o «camping», não é, realmente, um desporto. Mais propriamente se poderá classifica-lo como uma arte — *a arte de vagabundar*. E por isso mesmo que é uma arte, necessario se torna ser artista para da sua execução se usufruir o maior numero de beneficios, quer fisicos, quer espirituales.

Podemos mesmo dizer, sob esse unico e real aspecto, que é uma arte difficil; e, assim, a sua realisação requiere um conjunto de circumstancias para ter bom exito, que não está, por enquanto, ao alcance de toda a gente. Sobretudo nas mulheres — e elas são indispensaveis para que a satisfação da vida em «camping» seja completa — é preciso encontrar-se uma especial adaptação ao genero de vida momentanea onde não pode haver o desejo das mil e uma futilidades que fazem o mais delicioso goso das senhoras niquentas.

O «camping» requiere um espirito pratico, despido, embora temporariamente, dos preconceitos subtis que nos enchem a alma de goso no remanso dos *boudoirs* hibernaes, portanto muito dispensaveis na epoca em que se procura a frescura, o aroma sadio e a liberdade naturalmente comprehendida para o corpo e para a alma.

Assim esses preconceitos devem substituir-se á graça que a desenvoltura feminina sabe imprimir quando — como no «camping» — de tão nitidas e alegres côres pode matizar o quadro.

E' difficil encontrar-se senhoras que comprehendam bem quanto ha de original, de atrahente e de seductor na vida do «camping», para se separarem das suas comodidades, das regalias, quasi privativas, de uma vida de abastança.

Por uma simples e natural apreciação da vida do «camping», se vê que ela não pode admitir creados. Um unico poderia ser sufficiente para um certo numero de exigencias que ainda se tolerariam. Todavia, deve-se dispensar mesmo esse, para que a vagabundagem artistica — que é, de resto, a verdadeira significação do «camping» — se possa fazer com a comunidade de gostos e de prazeres, com a liberdade e sem-cerimonia que não pode deixar de

haver na pratica d'uma vida livre e que não é exercida tão amplamente tendo-se de manter, n'uma continuidade fatigante, a distancia respeitosa requerida pela presença de qualquer servo.

De resto, creados para essas exigencias que, nem mesmo assim possamos dispensar, ha-os em toda a parte. Em qualquer aldeia se encontra um rapaz para fazer qualquer serviço a troco d'uma pequena remuneração.

E a vagabundagem artistica exige a maior liberdade, porque nem mesmo pode proporcionar comodidade.

Justamente porque ela nos oferece o contraste da vida que habitualmente seguimos e porque não tem programa, como tambem a ordem tem de ser relativa — é que atrae, é que desperta o entusiasmo de pratica-la, é que nos devemos sentir bem em saborear todo o seu inédito, toda a diferença que nos impõe; porque, assim, aliviando-nos da monotonia d'um pautado viver, nos faz apetece-lo mais quando chegue o tempo de nos sentirmos cansados d'essa vagabundagem.

N'uma proxima cronica, daremos uma descripção mais sumaria do que é essa vida de vagabundagem, que hoje nos levou a estas indispensaveis apreciações para preparação do espirito.

REGISTO

«A SEMANA ILUSTRADA»

TEMOS recebido a visita de *A Semana Ilustrada*, nova revista que começou ha pouco a sua publicação.

Não obstante o seu pequeno formato, essa Revista apresenta-se com um aspecto interessante.

Agradecendo a visita, que vamos retribuir, apresentamos ao novo colega os nossos cumprimentos, desejando-lhe um venturoso futuro.

REVISTA D'ABRANTES

REGISTAMOS igualmente, com muito prazer, a visita da *Revista d'Abrantes*, que é o órgão da Associação Comercial e Industrial d'aquella cidade.

Segundo informa no seu artigo de apresentação, essa Revista pugnará tão sómente pela defesa da causa abrantina, a que dedicará os seus melhores esforços.

Cumprimentando o novo colega, que se apresenta cheio de atractivos, fazemos votos pela sua longa e prospera vida.

THEATROS



E CIRCOS

NOTICIARIO

S. CARLOS

A desopilante comedia *Aventuras do Rafael*, conquistou um extraordinario sucesso, devido á brilhante interpretação de toda a companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha.

NACIONAL

Está tendo um sucesso verdadeiramente sensacional, a encantadora e brilhante peça de Oscar Wilde, *O Leque de Lady Margarida*, versão livre de Julio Dantas.

SÃO LUIZ

A opereta *Milagre de Aldeia*, cuja acção se passa numa aldeia da Beira Baixa, exibindo todos os usos e costumes regionalistas. As personagens são caracterisadamente portuguesas, como portuguesa é a musica do ilustre maestro Fernandes Fão. A encenação, de Armando de Vasconcellos é interessantissima e de grande originalidade.

AVENIDA

O que se está passando com a espirituosa farça *Cama, Mesa e Roupa Lavada*, pôde-se considerar um acontecimento unico em theatro. Chaby e Cremilda, os principaes interpretes são constantemente alvos de ruidosos aplausos.

POLYTHEAMA

As novas peças postas em scena neste theatro, teem obtido um enorme exito. Tanto a *Canção do Berço*, como o *Entremez da muda casada* devem ser vistas porque são muito interessantes.

APOLLO

O *Cigarro Brejeiro* continua a ter um exito verdadeiramente grandioso.

COLYSEU DOS RECREIOS

Exhibe-se a interessante e a mais completa companhia de circo, onde se encontra numeros nunca excedidos de arrojado, de belesa e scientificos. Os *Codonas*, os celebres electro-humanos Lanti e Melita, os clowns Walter e os irmãos Barracetas, etc., etc.

ESPECTACULOS

S. Carlos — «Aventuras do Rafael».

Nacional — «O leque de Lady Margarida».

S. Luiz — «Milagre da Aldeia».

Avenida — «Cama meza e roupa lavada».

Polytheama — «Canção do berço — O Entremez da muda casada».

Apolo — «Cigarro Brejeiro».

Edem Theatro — «Tratado Secreto».

Theatro Salão Foz — «Arroz doce».

Colyseu dos Recreios — Grande Companhia de Circo.

ANIMATOGRAPHOS

Olimpia — Rua dos Condes.

Cinema Condes — Avenida da Liberdade.

Salão Central — Praça dos Restauradores.

Chiado Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.